

A ANSIEDADE EM GUARDAS MUNICIPAIS PRIVADOS DO ISOLAMENTO SOCIAL DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Christian, Silva dos REIS¹
Danielli, Novello ACKSENEN²
Renan, Zenatti FREITAS³
csreis.br@gmail.com

RESUMO

A presente pesquisa foi realizada com três guardas municipais com o objetivo de delinear uma interpretação analítico-comportamental acerca dos perfis comportamentais de ansiedade nesses trabalhadores privados das medidas de isolamento social durante a pandemia de COVID-19. A pesquisa fundamentou-se nos pressupostos teóricos, técnicos e metodológicos, através de um estudo descritivo exploratório, por meio de uma entrevista semiestruturada. Os dados foram coletados e analisados qualitativamente a partir da elaboração de categorias de análise baseadas nas respostas obtidas nas entrevistas, podendo assim verificar as alterações de comportamento, e as contingências que os mantinham. Os dados coletados apontam que na auto-observação dos entrevistados dois terços dos participantes relataram não apresentar comportamentos de ansiedade, como por exemplo, alterações no sono, pensamentos negativos, preocupação e estresse. Porém, quando analisadas as respostas como um todo, todos os participantes apresentaram esses sintomas ansiosos em seus repertórios em algum momento.

Palavras-chave: Análise do comportamento, Ansiedade, COVID-19, Isolamento social.

¹Orientador. Psicólogo Mestre em Análise do comportamento. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG.

E-mail: csreis.br@gmail.com

²Acadêmica do curso de graduação em psicologia, Centro Universitário FAG. 10º período.

Email: danielli_acksenem@hotmail.com

³Acadêmico do curso de graduação em psicologia, Centro Universitário FAG. 10º período.

Email: renanznt@hotmail.com

ANXIETY IN MUNICIPAL GUARDS, DEPRIVED OF SOCIAL ISOLATION DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Christian, Silva dos REIS¹
Danielli, Novello ACKSENEN²
Renan, Zenatti FREITAS³
csreis.br@gmail.com

ABSTRACT

The present research was conducted with three municipal guards in order to outline a behavioral-analytic interpretation about the behavioral profiles of anxiety in these workers deprived of social isolation measures during the COVID-19 pandemic. The research was based on theoretical, technical and methodological assumptions, through a descriptive exploratory study, by means of a semi-structured interview. The data were collected and analyzed qualitatively from the elaboration of categories of analysis based on the answers obtained in the interviews, thus being able to verify the changes in behavior, and the contingencies that maintained them. The data collected indicate that in the self-observation of the interviewees, two thirds of them reported not presenting anxiety-like behaviors, such as changes in sleep, negative thoughts, worry and stress. However, when analyzing the overall responses, all participants presented these anxious symptoms in their repertoires at some point.

Key words: Behavior analysis, Anxiety, COVID-19, Social isolation.

¹Advisor. Psychologist Master in Behavior Analysis. Professor of the Psychology course at Centro Universitário FAG.

E-mail: csreis.br@gmail.com

²Undergraduate student in psychology, Centro Universitário FAG. 10th period.

Email: danielli_acksenem@hotmail.com

³Undergraduate student in psychology, Centro Universitário FAG. 10th period.

Email: renanznt@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Tratando-se do comportamento humano, partimos dos pressupostos de B. F. Skinner (1904-1990), que propõe o behaviorismo como sendo a filosofia da ciência do comportamento humano. Skinner (1974) indica que o behaviorismo radical busca entender o comportamento através um sistema relacional entre organismo e ambiente. A análise do comportamento constitui-se, assim, como a ciência que estuda o comportamento dos organismos, sendo gerada pela posição filosófica assumida por Skinner (SKINNER, 1953, 1969, 1981). Segundo Leão e Laurenti (2009), o campo de estudos analítico-comportamental se debruça sobre o exame do comportamento como objeto de estudo autônomo, ou seja, como a não admissão de conceitos extra comportamentais na explicação dos fenômenos psicológicos humanos. Contudo, quando se trata da definição de comportamento, entende-se como a relação intrínseca indivíduo-mundo (SKINNER, 1953, 1971, 1974 e 1981), sendo necessário admitir que os fenômenos psicológicos a serem estudados serão sempre examinados no âmbito da própria relação.

No que diz respeito ao estudo psicológico, este se dará em sua grande parte no âmbito do conceito de comportamento operante (SKINNER, 1974). Operantes podem ser definidos como ações ou classes de ações que produzem consequências de maneira unificada no mundo, sendo estas mesmas ações, por sua vez, modificadas pelas consequências que produziram (SKINNER, 1957). Nas palavras de Skinner: “Seres humanos agem sobre o mundo ou modificam e são, por sua vez modificados, pelas consequências de suas ações” (SKINNER, 1957, p. 1). Lopes (2008) avalia a posição behaviorista sintetizando o argumento ao propor que a relação operante diz respeito justamente à própria ideia de que o estudo psicológico deve ser circunscrito à dimensão comportamental dos indivíduos, ficando também sujeito a ela o estudo de transtornos psicológicos.

É possível, assim, analisar o fenômeno da ansiedade por esse viés. Estes e Skinner (1941), propõem duas características primordiais para a ansiedade: sendo elas um estado emocional semelhante ao medo, bem como, um estímulo perturbador que é o principal responsável, não precedendo ou acompanha o estado emocional, mas é ‘antecipado’ no futuro. Para Zamignani e Banaco (2005), a ansiedade é definida como uma circunstância que envolve excitação biológica ou sintomas autonômicos e musculares, tais como: respostas galvânicas da pele, taquicardia, hiperventilação, sensações de afogamento ou sufocamento, sudorese, dores e tremores, atenuação na eficiência comportamental (impedimento de concentração,

baixas habilidades sociais), respostas de esquiva e/ou fuga (expectativa ou controle comportamental por eventos futuros), e descrições verbais de condições internas desagradáveis (angústia, apreensão, medo, insegurança, mal-estar indefinido, etc.).

O presente trabalho aborda o fenômeno comportamental da ansiedade em um contexto pandêmico, com ênfase nos perfis comportamentais de ansiedade em guardas municipais privados do isolamento social durante a pandemia de COVID-19 em uma cidade do oeste do Paraná.

A importância desse tema se verifica ao se considerar os impactos psicológicos causados pelo atual cenário do Brasil relacionado à COVID-19. De acordo com dados atuais da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2021), o país ainda se encontra com índices elevados de óbitos pela doença. São cerca de 21.821.124 casos confirmados e 608.071 óbitos, até o início de novembro de 2021 (BRASIL, 2021). Já no mundo, de acordo com os dados da DasaAnalytic (2021), são aproximadamente 247.574.342 casos da doença, com aproximadamente 5.013.591 óbitos.

De acordo com o boletim epidemiológico liberado pela Secretaria Municipal de Saúde da cidade onde a pesquisa foi realizada, os dados registrados até a data do dia 19 de setembro de 2021, mostram que dos 332.000 habitantes, 48.797 testaram positivo para COVID-19, e 47.240 pacientes obtiveram alta do isolamento (recuperados). No dia em que foi realizada a presente pesquisa, 1.047 pacientes encontravam-se em isolamento domiciliar com suspeita ou confirmação da doença, contabilizando, no total, 1.010 óbitos, 68 internados em UTI e 33 internados em enfermaria (SESAU, 2021).

Segundo a OMS (2020), a COVID-19 tem um grande potencial de contágio, e um dos principais métodos de prevenção do vírus é o isolamento social. Em alguns momentos de maior contágio do vírus, foi necessária a paralisação de determinadas atividades e a adoção do homework, aulas remotas e demais atividades que pudessem ser feitas em casa. Contudo, diversos problemas foram constatadas em relação à organização dessa modalidade de trabalho, pois, em meio a um contexto psicoemocional atípico de grande receio em relação à propagação do vírus, algumas classes de trabalhadores tiveram que permanecer em suas atividades normalmente, de modo a garantir que toda a sociedade pudesse manter-se segura em suas casas. Nesse sentido, levanta-se o questionamento sobre a saúde mental dessa classe de trabalhadores: médicos, enfermeiros, cientistas, jornalistas, psicólogos, entregadores, guardas municipais e policiais, trabalhadores de supermercado, produtores de alimentos, coletores de lixo e demais atividades as quais não podem seguir na modalidade à distância.

Seguindo os motivos apresentados, considerou-se necessário investigar as consequências psicológicas por meio da análise de perfis comportamentais da ansiedade sofrida por essas classes de trabalhadores que mantiveram suas atividades laborais em prol da manutenção das atividades básicas indispensáveis à sociedade, mesmo nesse contexto atípico gerado pela COVID-19. Os trabalhadores que participaram dessa pesquisa foram os Guardas Municipais da cidade, que exercem a segurança pública Municipal, amparados pela Lei Nº 13.022, de 8 de agosto de 2014, que dispõe que os guardas municipais têm como dever cuidar de bens, serviços e instalações do município, bem como realizar o patrulhamento preventivo, assegurar a prevenção pela vida e atenuação do sofrimento, preservar os direitos humanos fundamentais, desempenhar a cidadania e a liberdade pública e ter o comprometimento com o desenvolvimento da sociedade (BRASIL, 2014).

Deste modo, é possível assemelhar a ansiedade ao medo de contrair o vírus, por não ter a possibilidade de cumprir com o isolamento social e com isso ficar exposto à doença. Portanto, questiona-se: seria possível analisar a ansiedade durante a pandemia de COVID-19?

2 MÉTODOS

A pesquisa é de natureza básica, e foi realizada a partir de um estudo descritivo exploratório, por meio de uma entrevista semiestruturada com guardas municipais que mantiveram suas atividades laborais normalmente durante a pandemia COVID-19, bem como durante todos os decretos que determinaram o isolamento social como obrigatoriedade. Os dados foram coletados e analisados qualitativamente, a partir da elaboração de categorias de análise baseadas nas respostas obtidas nas entrevistas.

A população escolhida para a pesquisa foi de profissionais da guarda municipal com faixa etária entre 20 e 40 anos, de ambos os sexos e gêneros, de quaisquer etnias e classes sociais, que mantiveram suas atividades laborais durante o período da pandemia de COVID-19. Foram convidados para participar da pesquisa de três a cinco guardas municipais, que se sentiram à vontade para colaborar com o estudo, como também, concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e que cumpriram com os critérios de inclusão.

Como critérios de inclusão da pesquisa, além dos requisitos para escolha da população, os pesquisadores optaram por guardas municipais que estivessem trabalhando regularmente há mais de um ano e que nesse período não se afastou do trabalho por conta de problemas psicológicos.

No primeiro momento, os pesquisadores entraram em contato telefônico com a diretoria da guarda municipal a fim de agendar a data para exibição do TCLE para os participantes que se enquadraram nos critérios de inclusão da pesquisa. Após a apresentação dos pesquisadores, houve o intervalo de dois dias para que os participantes pudessem ler e assinar o TCLE, e, por consequência, agendar a data de início da pesquisa.

Na data agendada para entrevista os pesquisadores compareceram ao local agendado, portando os materiais necessários, tais como caderno para anotações, os questionários, pranchetas, cronômetro, canetas, água mineral para os participantes, álcool 70% e flanela para higienização do local. Foram entrevistados três participantes que se encontravam na base da guarda municipal durante a entrevista, os quais apresentaram o TCLE devidamente assinado.

A pesquisa ocorreu entrevistando um participante por vez, com a duração em média de 40 (quarenta) minutos por entrevista. Inicialmente os pesquisadores se apresentaram, explicaram novamente o TCLE, como também o sigilo acerca da pesquisa. Em seguida, o questionário foi entregue para cada participante em uma prancheta, juntamente de uma caneta, e água mineral. O questionário foi composto por 13 (treze) perguntas semiestruturadas, entre objetivas e discursivas. Todas foram relacionadas aos comportamentos e repertórios ocorridos durante o período de isolamento social em que os participantes permaneceram trabalhando. Isso foi feito para que fosse possível responder à pergunta de pesquisa, cumprindo os objetivos gerais e os específicos, quais sejam: caracterizar comportamentos de ansiedade, as contingências do isolamento social, identificar comportamentos controlados por tais contingências e correlacionar os relatos verbais com os comportamentos identificados durante esse período. Algumas das questões que compuseram o questionário eram diretamente ligadas às hipóteses: “A privação do isolamento social durante a pandemia de COVID-19 lhe causou mais ansiedade ao trabalhar nesse período?” e “A não privação do isolamento social durante a pandemia de COVID-19 lhe causou mais ansiedade e medo ao trabalhar durante este período?”.

Da mesma forma, foram feitas perguntas acerca de sua rotina e hábitos nas mais diversas áreas da vida, como sono, exercícios físicos, relacionamentos, convivência, aspectos que os participantes acharam positivos e negativos durante a pandemia, além de sobre a própria ansiedade. Para uma melhor efetividade de análise dos perfis comportamentais de cada participante, os pesquisadores se dividiram para atender a demanda: enquanto um explicava e aplicava os questionários, o outro anotava as falas e comportamentos obtidos durante a entrevista. Após a coleta de dados, os pesquisadores realizaram a investigação com base na análise funcional (SKINNER, 1974), como meio de interpretar os discursos e às

contingências controladoras dos comportamentos em questão, o que torna possível identificar e descrever o comportamento no contexto em que ele foi emitido e as condições necessárias para que ele ocorra (MATOS, 1999).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da pesquisa serão aqui apresentados e discutidos de acordo com os dados obtidos através da entrevista semiestruturada e da aplicação do questionário. Serão analisados os modos a partir dos quais a pandemia afetou os perfis comportamentais de ansiedade nos guardas municipais privados das medidas de isolamento social para enfrentamento da COVID-19 no município em que ocorreu a pesquisa.

O fenômeno da ansiedade é proposto pela literatura como sendo um estado emocional desagradável, acompanhado de um desconforto somático que guarda relação com o medo. Esse estado emocional é geralmente relacionado a um evento futuro e, às vezes, considerado desproporcional a uma ameaça real (Gentil, 1997). Já autores como Coêlho e Tourinho (2007) não propõem uma definição psicológica para “ansiedade”, tendo em vista que o conceito é aplicado em sistemas exploratórios diversos sob controle de eventos variados. Essa ambiguidade tornou-se aperfeiçoada pelo contínuo uso de metáforas, o que acarreta complicações para sua construção de definições constantes dos fenômenos aos quais os pesquisadores se dedicam. Mesmo em um sistema explicativo contrário a essa utilização de metáforas, porém, essa dificuldade da imprecisão aparece, sendo esse o caso da Análise do Comportamento.

Diante do contexto apresentado, partimos para os dados sociodemográficos e resultados obtidos com a realização da pesquisa. Compareceram para a entrevista três guardas municipais, do gênero masculino, com idades entre 29 (vinte e nove) e 39 (trinta e nove) anos, como identificado na tabela 1.

Tabela 1: População.

Dados coletados	Participante 1 (P1)	Participante 2 (P2)	Participante 3 (P3)
Idade	29 anos	35 anos	39 anos
Gênero	Masculino	Masculino	Masculino

Fonte: Produzida pelos autores.

Na tabela, nota-se a predominância do gênero masculino na amostra, apesar de a pesquisa ter sido aberta a ambos os gêneros. Nesse sentido, destaca-se que no dia das entrevistas não foi notada a presença de mulheres na sede da guarda municipal. Esse fato pode ser explicado pelo baixo efetivo feminino nas forças de segurança pública como um todo, que, de acordo com o Fórum de Segurança Pública (2015), é de apenas 18% do total, sendo mais de 80% do efetivo policial composto por homens. Isso se deve a tal profissão ainda ser vista como destinada a homens, representada pela força, agressividade e performances machistas.

Apesar dessas questões não terem sido abordadas diretamente no questionário, notou-se também que entre os entrevistados, dois eram casados e o outro solteiro. Além disso, destaca-se a informação sobre o tempo de serviço dos participantes, sendo entre dois e cinco anos. Nesse sentido, notou-se uma correlação entre o maior tempo de serviço e o grau de estresse vivenciado pelos participantes. Isso pode denotar contingências de controle aversivo referentes à duração do tempo de trabalho em relação à quantidade de reforçadores (predominantemente negativos) no trabalho executado.

3.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE

As análises foram realizadas seguindo o seguinte critério: foram elaboradas duas categorias de maior amplitude para analisar os dados obtidos nas entrevistas realizadas. Assim, a primeira categoria (“A vida antes do COVID-19”) diz respeito ao período que antecede à pandemia de COVID-19. Nessa categoria serão exploradas e investigadas as contingências que controlavam o comportamento dos participantes antes da pandemia. A segunda categoria (“A vida durante a COVID-19”) delimita as contingências ocasionadas pela presença da pandemia na vida cotidiana dos participantes privados do isolamento social.

Isso será feito classificando o conteúdo das respostas em um espectro de contingências reforçadoras ou aversivas. Para tanto, as respostas a cada uma das perguntas do questionário foram selecionadas individualmente e contrastadas umas com as outras, a fim de identificar possíveis vieses provenientes da auto-observação dos participantes sobre suas próprias vidas. Em outras palavras, as respostas para cada uma das perguntas foram comparadas umas com as outras, para verificar se existe coerência no discurso dos participantes.

As análises serão apresentadas seguindo um critério lógico de participantes, ou seja, P1, seguido de P2 e, finalmente, P3.

3.1.1 Participante 1

De modo geral, P1 relata não ter experienciado grandes mudanças em sua vida com a presença da pandemia. Isso ocorre quando o participante alega que “não senti que a pandemia me afetou”. No entanto, quando lançamos luz sobre outras respostas presentes nos dados obtidos de P1, é possível observar contradições, ou seja, afirmações de P1 que revelam que mudanças possivelmente ocorreram durante sua vivência na pandemia.

No que diz respeito aos dados referentes à primeira categoria (“A vida antes do COVID-19”), observou-se que o P1 não identifica muitos aspectos reforçadores em sua vida. Por exemplo, quando se trata de aspectos relacionados a lazer e convívio com outras pessoas, P1 relata poucas interações, alegando apenas a prática de atividade física três vezes na semana e a pouca convivência com outras pessoas. Isso fica claro em sua fala sobre a frequência de tal convivência: “Pouco, com a esposa grávida, fica difícil”.

Ao ser questionado sobre saúde física e psicológica, P1 demonstra ter algumas preocupações. Quando indagado sobre preocupações recorrentes, P1 diz: “Sim, redobrou (sic) o cuidado com a esposa gestante”; já quando se trata da qualidade do sono, relata não notar mudanças de antes a, durante a pandemia. Ao tratar de questionamentos sobre problemas futuros, P1 relata a mesma resposta para ambas as categorias: “Razoável”.

Já na segunda categoria (“A vida durante a COVID-19”), tratando-se do lazer e atividade com outras pessoas, P1 relata não ter notado grandes mudanças antes e durante a pandemia de COVID 19. Contudo, corroborando com a análise inicial, em suas respostas nota-se que houve mudanças em seu repertório, como, por exemplo, durante a pandemia, P1 deixou de realizar suas atividades físicas. Já ao tratar do convívio com outras pessoas durante a pandemia, P1 relata: “Pouco de receio em estar em aglomeração, mas não deixei de falar com ninguém, só tomando as devidas precauções (sic)”.

No quesito saúde física e psicológica, o participante diz ter preocupações recorrentes, visto que a esposa está grávida. Em se tratando da preocupação em relação à pandemia, P1 diz: “Após ter pego COVID e vacinado, fico mais tranquilo, o povo se adapta, mas de início um surto grande (sic)”. Já ao ser questionado sobre a ansiedade, P1 relata: “Não, no geral não, tive algumas preocupações, mas a pandemia não alterou muito (sic)”.

Ademais, notou-se durante as entrevistas que algumas contingências aversivas estão presentes na vida de P1, sobretudo quando se trata do trabalho. O participante relata estar sempre vigilante com sua segurança: “quando fala em relação a minha segurança sempre é dez, a gente que trabalha na área da segurança a atenção é alta (sic)”. Além disso, P1 também

demonstra algumas insatisfações ao se tratar de trabalho e sua saúde mental. Ele diz que não ter parado na área da segurança o afetou de certo modo: “O que faltou foi incentivo, uma bonificação, foi injusto, a gente estava trabalhando, prendendo pessoas de rua (sic)”.

De maneira geral, pôde-se observar que P1 vivenciou contingências reforçadoras negativas durante o período de trabalho pré-pandemia, e isso parece ter se agravado ao longo do tempo. Apesar de P1 ter sua auto observação de que a pandemia não causou grandes mudanças em sua rotina, nota-se que em alguns quesitos, como trabalho e lazer teve mudanças comportamentais de ansiedade.

3.1.2 Participante 2

O segundo participante, diferentemente dos demais, é solteiro e reside sozinho. Apesar de relatar não ter sentido grandes diferenças em sua vida, comenta ter perdido amigos próximos e um membro de sua família, porém ressalta: “Nós, que trabalhamos na área da segurança, devemos saber lidar com essas coisas, ser o mais técnico possível (sic)”. P2 também aponta questões sociais e políticas como grandes influenciadoras nesses eventos quando questionado sobre preocupações durante a pandemia, confirmando o impacto causado pelo vírus em sua rotina: “Nosso país não possui estrutura, imagina se vem algo pior, triplicará o prejuízo, tanto emocional quanto financeiro (sic)”.

Para a primeira categoria (“A vida antes da COVID-19”), identificamos que P2 não vivenciava contingências muito reforçadoras. Relatou que passa grande parte do tempo sozinho, estudando para concursos. No que se refere a atividades físicas, afirma práticas rotineiras de corrida e outras em seu tempo livre, sem sentir atração por festas ou manter outros tipos de relações sociais: “Minha rotina é trabalhar, estudar, treinar e dormir”. Acerca de preocupações nesse período, relatou que sua principal responsabilidade seria sobre sua própria segurança, uma vez que seu trabalho é de alto risco.

O participante afirma ter bons hábitos em relação a sua saúde, tanto física quanto mental, realizando exames com certa frequência e mantendo as vacinas sempre atualizadas. Quando questionado sobre seu sono, relatou que comumente tem um sono tranquilo e que sua maior preocupação naquela época era política. Comentou ver pessoas de diversas regiões em busca de emprego e sem sucesso, passando necessidades e muitas vezes sem ter recursos básicos para a vida.

Para a segunda categoria (“A vida durante a COVID-19”), P2 demonstrou poucas alterações em relação a seus comportamentos: “Sempre fiz tudo sozinho, foi tranquilo para

lidar com o isolamento em si”. Foi possível identificar que exames e adoção das medidas protetivas acerca de higiene aumentaram em seu repertório, assim como sua indignação em torno da política: “Íamos nas Unidades Básica de Saúde (UBS) e víamos inúmeros descasos com pacientes, vários deles sendo deixados nos corredores, tanto pela falta de médicos ou a falta de leitos”. Nesse momento, P2 também fez alguns apontamentos sobre seu trabalho, relatando displicência das autoridades sobre os guardas municipais que trabalharam normalmente, expostos ao contágio do vírus durante este período.

Em se tratando de saúde, P2 relatou não ter sentido alterações físicas ou mentais, mudanças em seu sono e em suas atividades físicas durante a pandemia: “Eu dependo do meu físico para meu trabalho, correr me faz manter a cabeça no lugar”. Entretanto, relata que sua vontade de conversar com outras pessoas aumentou, assim como a preocupação durante a prestação de serviços em prol da saúde da população, e a sensibilidade para com o outro: “a pandemia nos mostrou uma desigualdade sem igual, o brasileiro devia se unir para cuidar um dos outros (sic) em todos os aspectos, não apenas em momentos assim”.

O participante demonstrou aumento da preocupação de modo geral, principalmente durante a prestação de serviços em ambientes de cuidado à saúde da população, assim como diz ter sentido muita aflição ao ter que abordar aglomerações e pessoas sem máscara ou apresentando sintomas gripais, sendo possível identificar contingências aversivas em sua rotina de trabalho.

Por fim, foi possível identificar uma incoerência nas respostas de P2, o qual negou mudanças por conta da pandemia. Notou-se que no decorrer do questionário e da entrevista, apresentou alterações em seu repertório, vivenciando várias situações aversivas vividas durante o período em que a população se encontrava em isolamento social.

3.1.3 Participante 3

Por fim, o terceiro participante relatou grandes mudanças em seus comportamentos e níveis de preocupação após o início do período pandêmico na cidade. P3 é casado e reside com a mulher e dois filhos, sendo sua esposa e um dos filhos pertencentes ao grupo de risco para a doença COVID-19.

Para a categoria (“A vida antes da COVID-19”), foram observados alguns repertórios sociais. P3 relata não sair com frequência, porém, frequentava casa de amigos e familiares, realizava suas atividades físicas com regularidade e não havia grandes preocupações em sua vida: “Naquele momento, algo que me atrapalhava era a rotina de

trabalho, isso me impedia de ficar com minha família e muitas vezes era estressante, o trabalho de segurança é estressante (sic)". Tratando-se da qualidade de seu sono, afirma que, apesar de adversidades, possui estabilidade: "Meu filho sofre de rinite, às vezes nos preocupamos e não dormimos direito se atentando ao estado dele, mas sempre dormimos bem". Portanto, conclui-se que P3 vivia uma rotina regular, sem grandes preocupações ou eventos, que para ele, eram aversivos.

Para a segunda categoria ("A vida durante a COVID-19"), P3 relata sentir medo, ansiedade e preocupações em excesso: "Meu psicológico ainda está muito abalado, lá no começo era uma doença nova, sem muitas informações, em casa eu tenho um filho pequeno com doença pulmonar... Era horrível ter que trabalhar nesse período, e trabalhamos ainda mais que o normal (sic)". O participante relata não ter saído a lazer com a família em nenhum momento até que todos fossem vacinados, ficando aflito sem poder ver outros amigos e familiares. Também identificamos uma grande mudança em seus hábitos de prática de atividades físicas: "trabalhei mais que o normal neste período, atenção e cuidados redobrados, isso exigiu muito, tinha receio em sair praticar atividade, por mais que estivesse trabalhando (sic)".

A respeito de seu sono, P3 relata: "Como meu filho sofre de rinite e pertence ao grupo de risco, assim como minha esposa, foi muito difícil manter um sono regular sem ficar acordando preocupado durante a noite". Esse tipo de relato indica uma privação de sono, o que torna as contingências vivenciadas mais aversivas.

Sobre a convivência com os demais, o participante, assim como o restante, relatou muito medo em realizar abordagens em pessoas sem máscara ou em aglomerações: "A pandemia foi boa apenas para fábricas de remédio e comerciantes essenciais, para nós o trabalho foi dobrado e a chance de contágio muito maior por conta de não termos parado. Não recebemos nenhum benefício, no fim, isso nos complicou até em pedir itens básicos para a guarda".

Após o relato, foi possível identificar diversas alterações em seus comportamentos, visto que houve aumento considerável de sua ansiedade durante o período da pandemia em que não havia tratamento ou vacinas, fazendo com que grande parte de suas funções laborais se tornassem aversivas para ele próprio.

3.2 ANÁLISE DOS PERFIS COMPORTAMENTAIS

A partir dos dados apresentados acima, pode-se notar que a auto-observação em relação à ocorrência de ansiedade não é correspondente aos comportamentos e contingências observados. Isso porque os participantes relatam, de maneira geral, não perceber muitas mudanças em seus próprios comportamentos. No entanto, uma análise de contingências feita a partir dos dados coletados nas entrevistas revela algumas mudanças, ainda que não observadas pelos próprios participantes.

No caso de P1, foi possível observar que isso ocorreu em seus relatos sobre cuidados redobrados, e que ainda sente um pouco de receio em estar no meio de aglomerações e em contato com outras pessoas. No quesito de lazer durante o período de pandemia, P1 também deixou de praticar atividades físicas, o que antes da pandemia ocorria três vezes na semana. Além disso, P1 relatou que sentiu a ansiedade aumentar logo em seguida ao nascimento da filha, e que houve grande preocupação assim que confirmou a contaminação pelo vírus da COVID-19. Por fim, relata que esse período o abalou muito no quesito saúde mental.

Já no caso de P2, observou-se a incoerência em seu discurso quando, na primeira pergunta, relata estar bem em relação à sua saúde física e mental. No decorrer da pesquisa é possível identificar lacunas em sua fala e alterações em seu repertório, como a preocupação acerca de cuidados com a higiene e a qualidade de seu sono. Nota-se um aumento na vontade de interação social e receio em relação à prestação de serviços voltados à saúde da população, como, por exemplo, rondas e visitas a Unidades Básicas de Saúde e postos de saúde. O mesmo pode ser observado quanto à prestação de serviços rotineiros, tais como lidar com aglomerações e abordagem de pessoas sem máscara, muitas vezes, apresentando sintomas gripais. Seguindo o relato, foi possível identificar uma grande indignação política, principalmente quando se queixou em relação à negligência governamental em relação à contaminação nacional pelo vírus, assim como a falta de reconhecimento das autoridades com os trabalhos prestados durante este período.

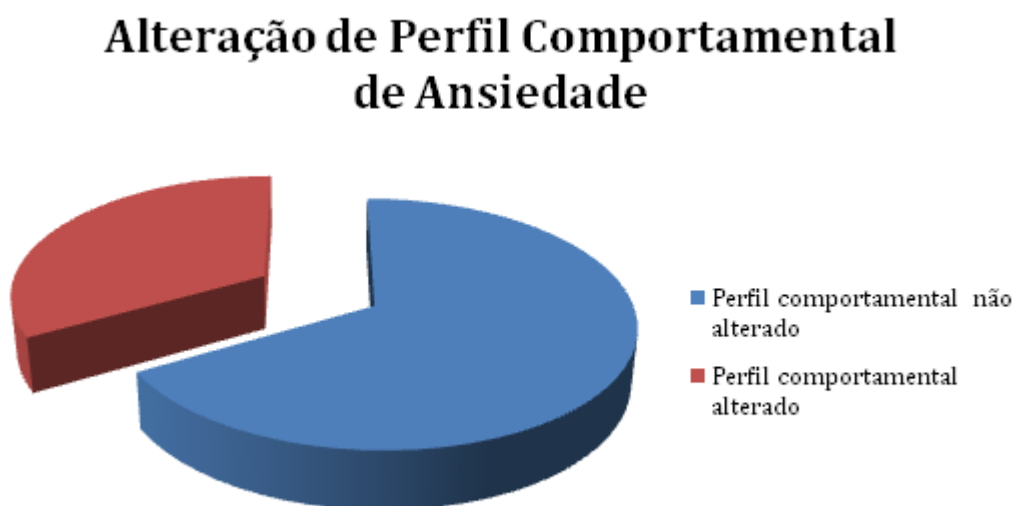
Por fim, no caso de P3, foi possível notar grandes alterações em seu comportamento, níveis de preocupação e estresse, tanto em sua vida pessoal quanto profissional. Ao decorrer da entrevista e da aplicação do questionário foi possível identificar tais mudanças nos relatos do participante, como a frequência de suas atividades físicas, encontro com amigos e familiares e principalmente em seu ambiente de trabalho, onde, assim como os outros participantes, relatou ansiedade e medo ao realizar abordagens e operações em meio aglomerações durante este período.

Em relação a sua saúde, P3 demonstrou sentir-se muito afetado por ter exercido suas atividades laborais durante o período da pandemia, visto que isso expunha sua esposa e filho,

participantes do grupo de risco. Segundo o relato deste participante, foi possível notar perda em sua qualidade de sono e aumento na ansiedade, pontos esses que foram observados pelo próprio participante durante a entrevista.

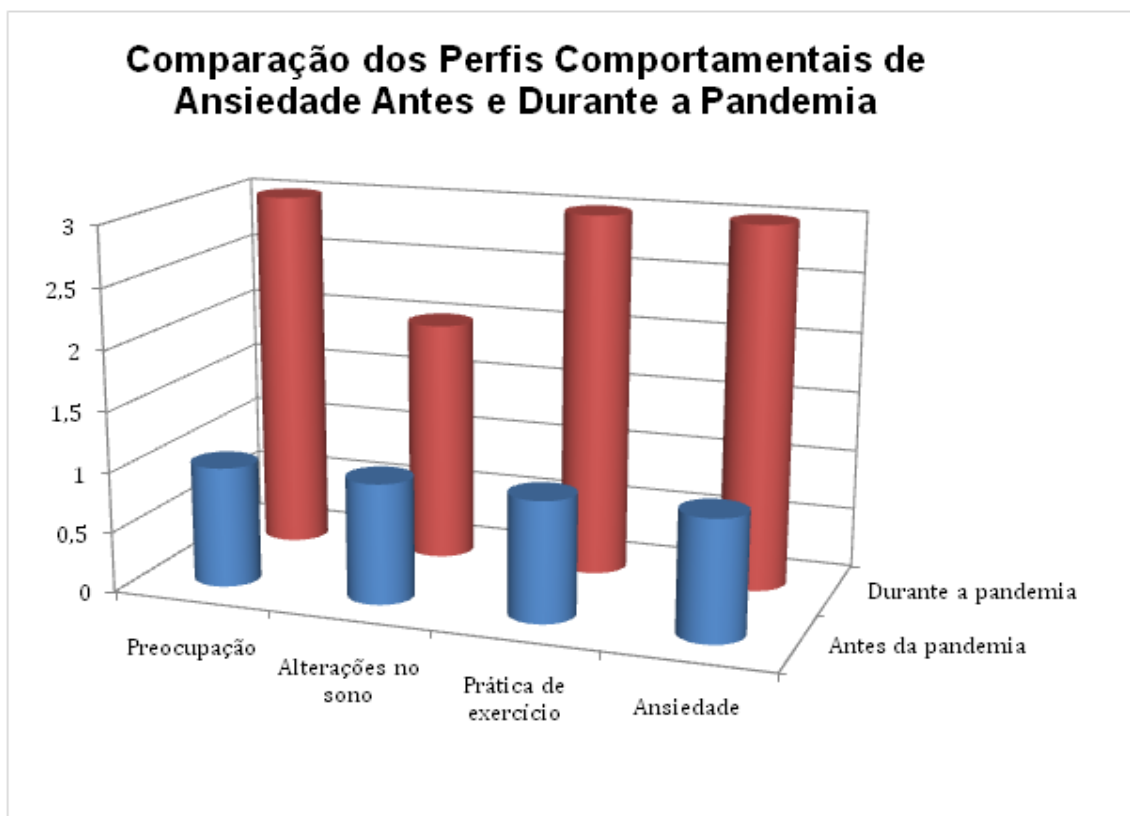
A partir da auto-observação dos participantes nas questões abertas, nota-se que, em sua maioria, não houve alteração dos perfis comportamentais de ansiedade durante a pandemia, em que dois terços dos participantes relataram não apresentar comportamentos de ansiedade, como apresentado no gráfico 1. Contudo, ao se realizar uma análise qualitativa das respostas, destaca-se que em todos os participantes aparecem traços de comportamentos ansiosos, tanto por questões relacionadas a pandemia de COVID-19, bem como, por comportamentos aversivos relacionados ao trabalho, como apresentado no gráfico 2.

Gráfico 1: Auto-observação na alteração de perfil comportamental de ansiedade.



Fonte: Produzido pelos autores

Gráfico 2: Comparação dos perfis comportamentais de ansiedade antes e durante a pandemia.



Fonte: Produzido pelos autores.

No gráfico 2, verificam-se as alterações em determinados comportamentos, que foram detectadas na análise das respostas dos participantes. Assim, nota-se que um dos participantes não teve alteração no sono, mas os outros dois relataram alterações. Com relação ao nível de preocupação, nota-se que apenas um dos participantes se mostrava mais preocupado com a saúde dos filhos. Contudo, todos os participantes tiveram o nível de preocupação elevado durante a pandemia, seja com relação à família, à própria saúde ou ao realizar abordagens em pessoas sem máscara ou, com sintomas gripais.

Quando indagados sobre a ansiedade, um dos participantes relatou já ser ansioso antes da pandemia e que essa ansiedade aumentou. Já durante a pandemia, foi possível observar nas respostas de todos os participantes comportamentos de ansiedade em algum momento, apesar de um deles ter relatado não ter percebido alterações. Já no que diz respeito à prática regular de exercício, apenas um entrevistado não praticava antes da pandemia. Contudo, durante a pandemia, os três participantes cessaram com a prática regular, devido às medidas de isolamento social.

Comparando os dois gráficos apresentados, notam-se divergências entre a auto-observação dos participantes e a análise feita por meio das respostas. Isso se deve ao aspecto subjetivo que a auto-observação pode apresentar. Nesse sentido, Jylha (2009 *apud* Coelho, et

al. 2017) discorre que vários aspectos interferem, como o tempo histórico e sociocultural ao qual o indivíduo pertence, o entendimento que o indivíduo tem acerca do tema e, sobretudo, o processo de aquisição de significados, informações, as interpretações e representações que são percebidas pelo indivíduo.

Contudo, a auto-observação é um instrumento poderoso usado na psicologia. Skinner (1957a, p. 134) o descreve como sendo um repertório de comportamento que auxilia o entendimento do “eu”: “A auto-observação é também produto de contingências discriminativas, e se a discriminação não for forçada pela comunidade, ela talvez nunca aconteça. Estranhamente, é a comunidade que ensina o sujeito a “conhecer a si mesmo”.

Ademais, para Skinner a auto-observação deve ser aliada à autodescrição, que é a capacidade do sujeito de falar sobre si mesmo, sobre o que pensa e sente e faz. Assim, a auto-observação e autodescrição são necessárias para o desenvolvimento do autoconhecimento, que “[...] possui valor para o próprio indivíduo. Uma pessoa que “tem consciência de si mesma” por meio de questões que lhe foram feitas está em uma melhor posição para prever e controlar o próprio comportamento” (SKINNER, 1974a, p. 16).

Ao se tratar dos comportamentos observados durante a entrevista, nota-se que as respostas dos participantes vão ao encontro de outros estudos acerca de transtornos durante a pandemia, tal como os estudos de Barari (2020) e Lara (2020), que mostram que alguns transtornos mentais podem ser desencadeados pela quarentena, a exemplo dos transtornos de ansiedade.

Ademais, os resultados obtidos corroboram com os estudos realizados por Wang et al. (2020), que se enfatiza dois pontos centrais relacionados à saúde mental: o primeiro é o medo de ser infectado e desenvolver a doença; o segundo aspecto está relacionado à estratégia de medida de contenção impostas – o isolamento social (quarentena), que também afeta negativamente a saúde mental das pessoas. Para o segundo ponto, podemos trazer o relato de dois dos participantes que em diversos momentos, durante a entrevista, disseram sentir falta de encontros com amigos, familiares e até mesmo eventos com um maior número de pessoas.

Contudo, também pode-se notar o perfil comportamental de ansiedade devido não apenas à pandemia, mas também à grande carga horário de serviço, como se pode observar nos relatos transcritos a seguir “Não ter parado na área da segurança, o que faltou foi incentivo, uma bonificação, foi injusto, a gente estava trabalhando, prendendo pessoas que nem sabíamos se elas estavam se cuidando de rua (sic)”, “Esse trabalho é desgastante, trabalho 12 por 36 das 7 da manhã às 7 da noite (sic)”

Esses dados corroboram dados de uma pesquisa do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST, 2019), que reitera que um dos fatores de riscos à saúde mental está relacionado ao conteúdo do trabalho, como sobrecarga de trabalho, longas jornadas e tarefas inadequadas para as competências da pessoa. Ademais, entre os anos de 2006 e 2017, os diagnósticos mais comuns no Brasil relacionados ao trabalho são reações ao estresse grave e episódios depressivos, de acordo com dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN, 2019). Ainda durante esse período, foram registrados no SINAN 8.474 casos de transtornos mentais em trabalhadores brasileiros, aumentando exponencialmente o número de notificações ao longo desse período. Nesse sentido, já é nítido que o trabalho do indivíduo pode ser um dos responsáveis pela fragilização da saúde mental, como evidenciam alguns estudos que associam altos índices de suicídio, transtornos mentais e incidência de depressão em profissionais de saúde, professores e policiais, por exemplo, associado ao alto índice de síndrome do esgotamento profissional (ALMEIDA et al., 2016).

A literatura especializada já aponta estudos sobre o estresse no âmbito do trabalho, indicando que inúmeras variáveis participam do fenômeno (BEEHR, 1998). Sobre esse ponto, Silva e Silva (2015) destacam quatro grupos com características do estresse distintas: a síndrome de burnout (em 54% dos trabalhadores), seguida de ansiedade e depressão (31%), envelhecimento precoce (8%) e lesão por esforço repetitivo e distúrbios osteomusculares (7%).

Pode-se levantar a hipótese de que os níveis de estresse da maioria dos entrevistados não sofreram alterações significativas devido ao fato de suas ocupações já serem estressantes. Nessa perspectiva, Kompier e Kristensen (2003) alegam que estressores podem ser inerentes ao trabalho:

Por definição, policiais e empregados em alas psiquiátricas são confrontados com pessoas violentas. “Por definição”, enfermeiras e departamentos de oncologia trabalham com pacientes terminais de câncer. Motoristas de ambulância e bombeiros serão confrontados inevitavelmente com crianças seriamente feridas ou mortas. O ponto é que alguns trabalhos são estressantes em si mesmos e que pode não ser muito realista reduzir ou eliminar todos esses fatores de risco. (...) A questão crucial aqui, é claro, é ser capaz de distinguir entre tais condições necessárias e condições que podem ser mudadas (KOMPIER; KRISTENSEN, 2003, p. 44).

Com base na auto-observação dos entrevistados, conclui-se que dois terços relataram não apresentar comportamentos de ansiedade, tais como alterações no sono, pensamentos negativos, preocupação e estresse. Porém, quando analisadas as respostas, como um todo, todos os participantes apresentaram esses sintomas ansiosos em algum momento. Nesse sentido, os achados revelam o grande impacto da pandemia sobre esses trabalhadores,

sobretudo em uma profissão em que já são submetidos a estresse no dia-a-dia, destacando os aspectos da saúde mental e da qualidade do sono da população da pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi delinear uma interpretação analítico-comportamental acerca dos perfis comportamentais de ansiedade nos guardas municipais privados das medidas de isolamento social para enfrentamento à pandemia de COVID-19, no município onde a pesquisa foi realizada. A análise dos dados foi realizada por meio de um questionário e uma entrevista semiestruturada. Com os dados coletados, foi possível observar que houve mudanças no perfil comportamental dos participantes, ainda que na auto-observação dos entrevistados, dois terços relatam não ter sofrido mudanças de comportamentos.

Os resultados ressaltam que é necessária uma maior divulgação das medidas de preservação da saúde mental e também a disponibilização de serviços on-line para atenção às condições emocionais e mentais desses trabalhadores. Assim, os efeitos dessa pandemia sobre a saúde mental devem ser estudados, com o objetivo de minimizar suas causas e sintomas sobre os indivíduos, assim como contribuir com a elaboração de ações de promoção de saúde. Nessa mesma direção, Lipp e Malagris (2004) argumentam que o estresse e a ansiedade atuam como cofator de diversos problemas de saúde, como diabetes, doenças cardiovasculares, depressão, câncer, associando-se ao aumento dos custos médicos.

Analisa-se, dessa maneira, a importância de novos estudos acerca de transtornos de ansiedade, bem como do estresse voltado às questões laborais sobre o público da segurança pública, envolvendo amostras maiores e outras indagações metodológicas, a fim de lançar a luz sobre contrariedades e impasses que foram de encontro com a pesquisa.

REFERÊNCIAS

ABRUCIO, F. L; GRIN, E. J; FRANZESE, C; SEGATTO, C. I; COUTO, C. G. **Combate à COVID-19 sob o federalismo bolsonarista: um caso de descoordenação intergovernamental.** Fundação Getulio Vargas. Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo / SP – Brasil.

ALMEIDA, L. A; MEDEIROS, I. D. S; BARROS, A. G; MARTINS, C. C. F; SANTOS, V. E. P. **Fatores geradores da Síndrome de Burnout em profissionais da saúde**. Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online, n 8, vol 3, pg 4623-4628, jul/set., 2016.

BALDI, B. **Beyond the Federal Unitary Dichotomy** (Working Paper 99-7). Berkeley, CA: University of California, Berkeley, 1999. Disponível em <<https://escholarship.org/uc/item/05b607ng>>.

BARARI, S; CARIA, S; DAVOLA, A; FALCO, P; FETZER, T; FIORIN, S; SLEPOI, F. R. **Evaluating COVID-19 public health messaging in Italy: self-reported compliance and growing mental health concerns**. Itália, 2020.

BEEHR, T. **Research on occupational stress: an unfinished enterprise**. Personnel Psychology, v. 51, n. 4, pág. 835-844, 1998.

BRASIL. **Lei nº 13.022, de 8 de agosto de 2014**. 8º do art. 144 da constituição federal. capítulo II dos princípios. 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/13022.htm. Acesso em: 26 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>> Acesso em: Out/2021.

BRASIL. Secretaria Nacional de Segurança Pública. Ministério da Justiça. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **As mulheres nas instituições policiais**. 2015. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/storage/publicacoes/FBSP_Mulheres_instituicoes_policiais_2015.pdf> Acesso em: Nov/2021.

BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO - Centro Colaborador da Vigilância dos Agravos à Saúde do Trabalhador. **Transtornos Mentais Relacionados ao Trabalho no Brasil**, 2006–2017. Abril/2019 – Edição nº 13, ano IX. Disponível em: <<http://www.ccvisat.ufba.br/wp-content/uploads/2019/07/Transtornos-Mentais-Relacionados-ao-Trabalho-no-Brasil.pdf>> Acesso em: out/2021.

CASCAVEL. Secretaria de saúde – SESA. Divisão de Vigilância Epidemiológica – VIEP. **Boletim Epidemiológico Covid-19**. Disponível em: <<https://cascavel.atende.net/atende.php?rot=1&aca=119&ajax=t&processo=viewFile&ajaxPrevent=1631971879159&file=173FEB601D270DFB2712722A81F78CBF06D7E1ED&sistema=WPO&classe=UploadMidia>> Acesso em: Jun/2021.

CASCAVEL. Secretaria Municipal de Saúde – SESA. **Boletim COVID- 19**, 2021. Disponível em: <<https://cascavel.atende.net/?pg=subportal&chave=13#!/tipo/pagina/valor/2125>>. Acesso em: Mai/2021.

CEREST. Centro de Referência em Saúde do Trabalhador. **Boletim: Saúde Mental no Local de Trabalho**, 9 páginas, 2019. Disponível em: <http://www.vs.saude.ms.gov.br/wp-content/uploads/2019/10/Boletim_Cerest_3_2019.pdf> Acesso em: out/2021.

COÊLHO, L. N; TOURINHO, Z. E. **O Conceito de Ansiedade na Análise do Comportamento**. Psicologia: Reflexão e Crítica [online], v. 21, n. 2, pp. 171-178. Brasil, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79722008000200002>>. Acesso em: 03 jun. 2021.

DASA-ANALYCTIS. **Dados Covid-19**. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <<https://dadoscoronavirus.dasa.com.br/>>. Acesso em: Mai/2021.

GENTIL, V. **Ansiedade e Transtornos Ansiosos**. In: Valentim Gentil, Francisco Lotufo-Neto e Márcio Antonini Bernik (org.): Pânico, Fobias e Obsessões. São Paulo: Edusp, 1997.

JYLHA, M. What is self-rated health and why does it predict mortality? Towards a unified conceptual model. Social Science & Medicine, v. 3, n. 69, pág. 307-316, 2009 *apud* COELHO, M. T. Á. D; SANTOS, V. P; CARMO, M. B. B; SOUZA, A. C; FRANÇA, C. P. X. Relação entre a autopercepção do estado de saúde e a automedicação entre estudantes universitários. **Revista Psicologia**, Diversidade e Saúde, v. 6, n.1, pág. 5-13, fev/2017.

KOMPIER, M. A. J; KRISTENSEN, T. S. As intervenções em estresse organizacional: considerações teóricas, metodológicas e práticas. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, vol. 6, pág. 37-58, 2003.

LARA, R.; HILLESHEIM, J. Modernização trabalhista em contexto de crise econômica. **O Social em Questão** - Ano XXIV - nº 49 - Jan a Abr/2021.

LEÃO, C. F. F. M; LAURENTI, C. Uma Análise do Modelo de Explicação no Behaviorismo Radical: o Estatuto do Comportamento e a Relação de Dependência entre Eventos. **Interação em Psicologia**, 2009, 13(1), p. 165-174.

LIPP, Marilda N.; TANGANELLI, Sacramento. Estresse e qualidade de vida em magistrados da justiça do trabalho: diferença entre homens e mulheres. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 537-548, 2002.

LOPES, E. C. Uma proposta de definição de comportamento no behaviorismo radical. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, v. 10, n. 1. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452008000100002>. Acesso em: 03 jun. 2021.

MATOS, M. A. Análise funcional do comportamento. **Revista Estudos de Psicologia**, v. 16, n. 3, pp. 8-18. São Paulo: Campinas, 1999.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Considerações para o ajuste de medidas sociais e de saúde pública no context da COVID-19**. [S.l.: s.n.], 2020.

PLEITGEN, F. **What Trump could learn from Angela Merkel about dealing with coronavirus**, 2021. Disponível em <<https://edition.cnn.com/2020/04/16/europe/merkel-trump-germanyfederalism-analysis-intl/index.html>>.

POLÍTICA E SANITÁRIA. IN: **Comitê do Sistema Único de Assistência Social-SUAS/SCCOVID19: em defesa da vida**. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

SILVA, D. P; SILVA, M. N. R. M. O. O trabalhador com estresse e intervenções para o cuidado em saúde. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 1, pág. 201-214, 2015.

SKINNER, B. F. **Science and Human Behavior**. New York: The Free Press, 1953.

_____. **Verbal Behavior**. Cambridge, MA: B. F. Skinner Foundation, 1957

_____. **The tact**. In **Verbal behavior** (pp. 81-146). Massachusetts: Copley Publishing Group, 1957.

_____. **Contingências do reforço: uma análise teórica**. Coleção Os Pensadores (R. Moreno, Trad.). São Paulo: Abril Cultural. (Trabalho original publicado em 1969).

_____. **Prefácio à edição americana de 1969**. In B. F. Skinner, *Walden II*. São Paulo, SP: EPU, 1978. (Originalmente publicado em 1948).

_____. **Beyond Freedom And Dignity**. New York: Alfred A. Knopf, 1971.

_____. **Introduction**. In **About behaviorism** (pp. 7-12). New York: Vintage Books, 1974.

_____. **Sobre o Behaviorismo**. São Paulo: Cultrix-Edusp, 1982. (Original de 1974).

WANG, C; PAN, R; WAN, X; TAN, Y; XU, L; HO, C. S; et al. Immediate Psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 coronavirus disease (covid-19) epidemic among the general population in China. **Int J Environ Res Public Health**, 2020.

ZAMIGNANI, R. D; BANACO, A. R. Um Panorama Analítico-Comportamental sobre os Transtornos de Ansiedade. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva** - ISSN 1517-5545 2005, Vol. VII, nº 1, 077-092. Disponível em: <file:///C:/Users/pc/Downloads/v7n1a09.pdf>